

Leandro Gomes de Barros

VEZES POPULARES

O Sertanejo no Sul

**DEBATE DE JOSUÉ ROMANO E
JOÃO CARNEIRO**

POPULAR EDITORA
Livraria e Typographia
584—Rua da Republica—584
Parahyba

1923

*Ver Os Novos Impostos & A
Formas de Imposto de Renda*

O Sertanejo no Sul

Nós todos estamos ao par
Das indigencias do Norte,
Quando o anno não é secco
O inverno é muito forte,
Vem sertanejo de cima
Arrenegando da sorte.

Vendo que morre de fome
Como morre qualquer bruto,
Vae ver se chueu no sul
Ou se tambem está enchuto,
Pergunta o senhor de engenho:
— De onde vem este matuto?

Com os cabellos tão grandes
Fedendo até a fumaça,
Um rosario no pescoço,
Camisa fóra das calça,
Em cada dedo das mãos
As unhas têm meia braça.

O velho chega na frente
Vindo atraz grande ranchada,
Gente de todo tamanho
Chega a tomar a estrada
Parece até que nasceram
Oito ¹⁰ duma ninhada.

xe
ou dez

A mãe da familia atraz
Com um filho em cada braço,
Dois escanchados nos hombros
Outro bem no espinhaço,
Uma trouxa na cabeça
Uma cuia e um cabaço.

Um filho com quinze dias
O outro com menos de mez,
Na velha ja se divulga
O estado de gravidez;
Pergunta o senhor de engenho:
Quantos filhos teem vocês?

Diz o velho: seu ^{an}major ~~de~~
Só eu vendo se me lembro
Chico nasceu em Agosto,
Miguè nasceu em Setembro,
Anna nasceu em Outubro,
Rita nasceu em Novembro.

João nasceu no mez de festa
José nasceu em Janeiro,
A mãe fez u'a promessa
Ao pade do Juazeiro,
Cuma num poude pagar,
Abortou em Fevereiro.

O senhor de engenho perguntou:
Todo mez nascia um ?
Responde o velho, ora está

Familia é um bem commum,
O que que dá mais no sertão
E' menino e girimum.

O numero de todos os filhos
Você saberá qual é?
Diz o velho: seu major,
Pergunte ahi a muè
Diz a velha: eu num sei não,
Só se quem sabe é Mané.

Agora eu lembro-me bem,
Quando Caetano n'asceu
Foi num dia de domingo,
Nessa tarde até choveu
Quando a besta de meu sogro
A cascavel a mordeu.

Eu estava apanhando fava
Na roça de meu cunhado,
Botei girimum no fogo,
Depois de ter almoçado
Pá, nasceu meu filho Cosme,
Lá no rancho do roçado.

E Mané eu tive elle
Quando fui ao juazeiro
Uma besta quo eu levava
Teve um podrinho foveiro
Entre o poldro e o menino
Não sei quem nasceu primeiro.

Genoveva, foi no anno
Que appareceu a bixiga,
Ella, Antonia e Damianna,
Todas trez de uma barriga,
E neste anno teve até
Uma peste de formiga.

Pergunta o senhor de engenho:
Quantos filhos têm vocês?
Responde a velha: trazemos
Vinte e nove desta vez
Deus levou dez para o céo,
No sertão ficaram seis.

O senhor de engenho diz:
Eu estou com a vida ganha,
Tenho mais trabalhadores
Do que povo na Allemanha,
O que não me trabalhar,
Ou vai embora ou apanha.

O miseravel que vem
Pela fome perseguido,
Mette-se alli num mucambo
Julga que esta garantido;
Toda roupa serve ao nú,
A questão é está despido.

Trabalha a familia toda,
E se o homem não for máo,
Dá dois litros de farinha

Trez tostões de bacalhao,
Se for um da pá virada
De tarde só recebe pão.

O senhor de engenho diz:
Aqui não se faz desejo,
Morador do meu engenho
Só tem direito ao despejo
Que eu não vou trabalhar
Para engordar sertanejo.

Se acaso elle plantar canna
Diga adeus minha encomenda
Porque ou toma dinheiro
Ou então compra na venda
Deixa o trabalho do anno
No barracão da fazenda.

Quando chega-lhe a noticia
Do inverno no sertão
Elle diz logo: muè
Arrume meu matulão,
Quebre os cacos de panella,
Toque fogo no pilão.

Vae ver se o senhor de engenho
Compra as cannas que elle tem,
O proprietario diz:
Estou apitando tambem,
Do apurado da safra
Não resta mais um vintem.

Pode deixar suas cannas,
Se não poder as vender
Volte em Setembro ou Outubro
Que é o tempo de moer,
Pode assucar dar preço
E sua canna render.

Volta o pobre o miseravel
Com fome, descalço e nú,
Comendo pelo caminho
Joá e raiz de Umbú,
Roto que só um cigano,
Magro que só um Urubú.

Volta no anno vindouro
Móe as canas com vechame,
Traz sesenta paes de assucar,
Porem chega no andame
Escorre todo tanque
Alli só dà é retame.

Cahiu no tanque perdeu-se
Inda que o dono reclame
O senhor de engenho diz-lhe:
Vá chorar lá no andame
Que essa sua buzina
Está agourando o retame.

O senhor de engenho ali
Não ouve queixa, nem choro,
Diz elle que o mel de furo

E' pagamento de fôro,
Quem quizer sahir em paz
Aguente o dasaforo.

Vai trabalhar alugado
Para poder ir embora
Chega em casa e diz: Maria,
Se eu lhe contar, você chora,
O que eu trabalhei num anno,
O cão levou numa hora.

Cortei a canna e moí
Porem perdi meu suor,
Quando tinha a esperança
De voltar de là mior,
Deixei tudo quanto fiz
No tanque de seu májor.

Vou ao juazeiro e digo
Tudo que aconteceu,
Deixei a roça no sul,
O gado entrou e comeu,
Moí canna, fiz assucar,
Esse pá, se derreteu.

Mas meu padrin pade Cirço
Inda está no Joazeiro,
Elle ha de ser servido,
Que eu inda ganhe dinheiro,
E com os poderes d'elle
Inda seja um fazendeiro.

Debate de Josué Romano e João Carneiro

Carneiro—Amigo diga o seu nome
Que quero ser sabedor,
Aonde foi que nasceu,
Como se chama o senhor,
Se acaso aprendeu a ler,
Quem foi o seu professor ?

Josué—Eu me chamo Josué,
Nasci dentro do Teixeira,
Filho do velho Romano
Um cantador de primeira,
Aonde meu pae cantava,
Alli havia uma feira.

C.—Eu sou o Carneiro velho,
Conheci muito seu pae,
Tenho subido em altura
Que você morre e não vae
Dou marradas numa serra
Abre fenda, o monte cae.

J.—Carneiro, eu sou muito mole,
Em cima aqui só se vê tamanho,
Tudo que existe no mundo
Tem medo quando me assanho,
Carneiro que eu for a elle
Me entrega logo o rebanho.

C—Menino, Carneiro velho
Sabe o segredo da abelha,
Não vae fazer uma coisa
Para torcer a orelha
Nem do meu rebanho o lobo
Nunca tirou uma ovelha.

J—Eu disse ao sair de casa
Que vinha ver um carneiro
O primeiro que encontrasse
Sairia do chiqueiro,
Mandei lavar a panella
E logo comprar o tempêiro.

C—Menino, não pense nisso
E' uma asneira completa,
Carneiro como cantor,
Nogueira como poeta
Somos dois navios no mar
Ou dois trens em linha réta.

J—A machina desencarrilha,
O navio pôde afundar,
Nogueira já não existe
O senhor pôde cançar,
Ha muitas coisas no mundo
Que ninguem as ver passar

C—Inda você se virando
No lobo mais carniceiro
No leão mais temeroso

No tigre mais traçoeiro
Tudo isso ainda é pouco
Para espantar o Carneiro.

J—Eu tenho encontrado bicho
Onças com filhos nos ninhos
Porem em entro na furna
Trago ella e os gatinhos
Dou uma surra na onça
Quando criar os filhinhos.

C—Pode o sol nascer a noite
E por-se de madrugada
Pello de rato dar trança
Leite de sapo qualhada
Difícil é tirar da furna
Filho da onça pintada.

J—Carneiro eu já preparei
O sitio onde tenho morado
Botei uma peça grande
Na bocca de cada estrada
O cantador que for lá
Morre doido e não faz nada.

C—O almirante Balão
Fortificou a Turquia
Em cada ponte botou
Um gigante por vigia
Chegaram os Pares de França
Limparam tudo que havia.

J—Pois se transforme em Roldão
Ou outro qualquer guerreiro
Vá lá e veja depois
Se pisa mais no chiqueiro
Seu rebanho hade dizer
Nós ja tivemos Carneiro.

C—Menino você é novo
Precisa que alguém lhe explique
O homem é um barco velho.
O mundo todo e um dique
Você não sabe remar
Eu sou velho o boto a pique.

J—Vamos tratar noutra cousa
De mais adiantamento
Sobre a rotação da terra
A lua a chuva e o vento
Como em 24 horas
A terra faz movimento?

C—Menino eu não estudei
Aquillo que mais servia
Como bem fosse grammatica
Arathmetica geographia
Como podia estudar
Negocio de astronomia?

J—Pois eu conheço o globo
Tudo quanto nelle enserra
E com relação a isso

Contor algum me faz guerra
Porque estudei a fundo
O movimento da terra.

C—O senhor estudou bem
Como tira arapuá,
Armar quixó nas varedas
Para mocó e preá
Rasteijar pelos câminhos
Tatú e tamanduá.

J—Todo sertão no seu tempo
Era um bosque solitario
Quando nascia um menino
Davam-lhe logo um rosario
E p'ra se ler uma carta
Se ia pedir ao vigario.

C—Seu pae éra desse tempo
E por isso éra atrazado
Porem o senhor nasceu
Já num tempo adiantado,
Já vê que não tem razão
Para fallar tão errado.

J—Se escapoli algum erro
Foi devido a conveniencia
Ter relações com pessoas
Despidas de intelligencia
Velhos que alem de caducar
Nunca tiveram sciencia.

C—Pessoa ignorante
Diz que não sabe o que faz,
As vezes até levanta
Mil falsos ao satanaz
Não tem o conhecimento
Poís o erro vem de traz.

J—Cantar com velho caduco
E' como ensinar a um louco,
Mostrar caminho a um cêgo,
Dar um recado a um môco,
Ensinar o gato a saltar,
Dar meopathia a porco.

C—Abra o olho, olhe o caminho,
O tempo é este, aproveite
Criança só faz asneira.
Coco velho tem azeite,
Eu tenho dado em menino
Que a bocca ainda cheira a leite

J—Carneiro eu tenho encontrado
Bicho de grosso cangote
Porem eu tenho amansado
Desde touro a novilhote
O que tem a ponta fina
Aparo-a todo a serrote.

C—Se eu fosse um touro e achassê
Vaqueiro heroe e desposto
Esse serrando-me as pontas

Não me envergonhava o rosto
Mas serrado por você,
Eu morreria de desgosto.

J.—Eu já preparei um sitio
Para esperar valentão,
Armei quatro mil caboclos,
Afrochei dentro um leão,
Trez tigres e duas pintadas
Estão ali de promptidão.

C.—No dia que chegar lá
Você vê a explosão,
Boto os cachorros nas onças
E atiro no leão,
Amarro todos os caboclos
E toco tudo a facão.

J.—Alem disso ainda tenho
Uma medonha serpente
Quatro litros de veneno
Tem no pè de cada dente
Garanto que puem for lá,
Em vel-a fica doente.

C.—Se eu for ~~o~~ tudo fica
Mais manso do que o sonno,
Tudo corre a um tempo sò
Fica o sitio em abandono
Mêto o cacete na cobra
Espero que venha o dono.

J.—Dois indios que eu tenho lá,
Um só vence uma cidade,
Caboclos que tem seis mezes
Tem tanta velocidade
Que parece se mover
Por meio de electricidade.

C.—Quem foi que viu caboclo
Que fizesse boa acção?
Quando se precisa d'elle
Falta na occasião,
Vã se confiando nelles
Veja se perde ou não.

J.—Carneiro vã confessar-se
E rese o acto de fé,
Você já está caducando
Não sabe o mundo o que è,
Hoje fica conhecendo
A força de Josuè.

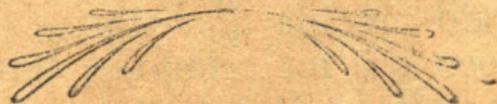
C.—Todo menino de velho
Tem roço e è malcriado,
O meu collega Romano
Era um pouco descuidado
Não cortou este rapaz
Criou-o insubordinado.

J.—Carneiro a lucta é tremenda
Você já está enrascado
Quando não puder arreie

Não fique sacrificado:
Madeira velha de mais
Não aguenta machado.

C.—Eu, sou arvoredó velho,
Mas também tenho consolo
Em mim quebra-se o machado
Mas não ha quem faça um roulo,
Essa madeira d'agora
Tem casca e não tem miollo.

Josué poz se a tossir
A cabeça ficou tonta
Disse Carneiro: oh! rapaz
Você não estava na ponta?
Se não aguenta o rojão,
Venha pedir sua conta.



LIVROS A VENDA NA
“POPULAR EDITORA”

GRANDES DESCONTOS PARA OS
REVENDEDORES

Nos pequenos pedidos sem descontos re-
mettem-se os livros pelo correio livres
de porte.

Poesias Escotidas, os melhores versos dos
maiores Poetas Brasileiros e Portuguezes, 1
grosso volume 3.^a edição 3\$000

A Lyra do Nordeste, o melhor trovador da
zona, 1.^a edição 1\$500

Historia de Alonso e Marina, contendo a
morte de Alonso e a vingança de Marina 2\$000

Historia completa de *Antonio Silvino*, illus-
trada na capa 1\$500

*O Reino Encantado das Tres Garças Pre-
tas*, grande romance em versos 1\$000

Historia completa de *Gençalo Valente*, filho
de *Pedro Malazarte* 1\$000

O Homem das Cavernas, o grande matador
de Onças 1\$000

Descripção do Brasil, (completa) 8\$00

A Guerra do Anti-Christo 5\$00

Os aviadores e a viagem pelo espaço 3\$00

Pedidos a **F. C. Baptista Irmão**

Rua da Republica, 584—Parahyba



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).